

A LITERATURA OITOCENTISTA DE AUTORIA FEMININA COMO OBJETO DE LEITURA LITERÁRIA: PROVOCAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA E O ENSINO SUPERIOR

 MARCELO MEDEIROS DA SILVA

 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.252>

Em nosso exercício profissional no curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas – Campus VI – da Universidade Estadual da Paraíba, temos constatado o quão exíguo é o conhecimento dos nossos alunos, graduandos em Língua Portuguesa, acerca da produção literária brasileira e mais exíguo ainda é o contato efetivo deles com textos literários. Inclusive não foram lidas obras que deveriam fazer parte do repertório mínimo de leitura de quem concluiu o ensino médio, tendo em vista que é nessa etapa escolar que a Literatura aparece como um componente curricular obrigatório, ainda que, em alguns casos, seja tomada como apêndice de Língua Portuguesa.

Dentre as razões para o desconhecimento de obras que deveriam compor, minimamente, o repertório de

leitura de quem vai, uma vez formado, atuar na formação de leitores, visto essas obras fazerem

parte, por exemplo, do cânone escolar e, por isso mesmo, estarem, ainda que sob a forma de fragmentos, presentes em livros didáticos, muitos dos graduandos alegam que não as conheciam porque não tiveram aula de literatura ou porque as aulas havidas foram todas voltadas para o estudo de aspectos históricos das escolas literárias, da memorização de figuras de linguagem, de informações biográficas sobre alguns autores, rarissimamente de autoras.

Apesar dessa realidade, a universidade não tem se preocupado, devidamente, com o aprimoramento do letramento literário de seus graduandos, já que, para muitos docentes do ensino supe-





rior, essa deveria ter sido obrigação da educação básica e, portanto, não constitui, necessariamente, um problema para a universidade, visto que a esta cabe fomentar apenas a leitura crítica do texto literário, o que muitas vezes se confunde com o conhecimento de vertentes da teoria e da crítica literárias e, de certa forma, não implica necessariamente a experiência efetiva de leitura subjetiva com o texto literário.

Diante da realidade educacional brevemente descrita acima, percebemos que, se há um pouco conhecimento de obras e autores que, legitimados por determinadas instâncias (como as academias de Letras, o nosso sistema escolar, a mídia, a crítica literária oficial), deveriam ter sido conhecidos ao longo do percurso dos estudantes na educação básica, o desconhecimento

se intensifica significativamente quando as obras tomadas como referência nessa formação são de autoria feminina, já que sobre a produção literária de mulheres tem recaído uma severa política de silenciamento e ocultamento. Caso as obras sejam de escritoras do século XIX, o desconhecimento só não é maior que o

estranhamento materializado na indagação: e houve escritora no Brasil do século XIX?

Mesmo consideradas nomes importantes em sua época, várias escritoras oitocentistas tiveram, paulatinamente, sua produção apagada e “esquecida”, como é o caso de Júlia Lopes de Almeida, Carmem Dolores, Francisca Júlia, Gilka Machado, para citarmos apenas algumas. Com exceção de Francisca Júlia, a quem nossos historiadores sempre se referem em notas de rodapé em suas historiografias literárias, e de Júlia Lopes de Almeida, que teve grande projeção em vida, foi considerada, depois da morte de Machado de Assis, a grande romancista oitocentista, mas não escapou, após sua morte, de ter sua obra esquecida, nenhuma das autoras que citamos consta em nossas obras críticas, dicionários e coletâneas, apesar de essas obras serem constantemente reeditadas e usadas em cursos de Letras.

Diante desse vazio, defendemos, como temos reiterado em trabalhos que vimos desenvolvendo na iniciação científica e na pós-graduação, que é de suma importância a inclusão de obras de autoria feminina no rol dos textos que são escolhidos para leitura e análise nas disciplinas de literatura ofertadas nos cursos de Letras, uma vez que as obras usadas como material didático, em sua maioria, não contemplam a pro-





dução literária feminina, sobretudo os escritos de autoras de tempos pretéritos. Ao advogarmos a favor do contato com textos de autoria feminina de tempos pretéritos nas práticas de leitura na educação superior e no ensino básico, não nos deixamos mover pelo desejo da inclusão pela inclusão simplesmente, como se, em tendo sido produzido por mulheres, o texto já merecesse ser objeto de estudo.

O resgate de autoras e obras, o qual compreende não apenas a edição, o estudo crítico, mas, em especial, a circulação para que possam ser lidas pelos leitores e leitoras do presente, não deve ser tomado como positivo apenas porque os textos foram escritos por uma mulher, mas, sim, porque esses textos são uma fonte que nos possibilita “chegar a novas conclusões sobre a tradição literária das mulheres, saber mais sobre como as mulheres desde sempre enfrentaram seus temores, desejos e fantasias e também as estratégias que adotaram para se expressarem publicamente, apesar de seu confinamento ao pessoal e ao privado” (WEIGEL *apud* MUZART, 2006, p. 76).

Por isso, advogar a favor dos textos de autoria feminina como objeto de leitura literária tanto na educação básica quanto no ensino superior é assumir um compromisso político com a (re) construção de uma memória feminina em nossa literatura, trazendo à tona

vozes femininas há muito emudecidas. Cremos que para cumprir com esse intento a sala de aula revela-se um lócus mais que privilegiado porque podemos junto com os alunos/as avaliar os escritos femininos, confrontá-los com os textos de autoria masculina, levantar hipóteses sobre a canonização destes e a exclusão daqueles e, assim, instigar possibilidades de pesquisas sobre a relação mulher, escrita e historiografia literária em nosso país.

Sendo a escrita uma prerrogativa masculina, fazer dela um exercício efetivo foi bastante angustiante para o feminino. Mesmo sabendo escrever, o que não era a realidade de muitas mulheres, sobre o que elas escreveriam, se se deveria escrever sobre feitos viris? De que grandes feitos haviam participado para poder transfigurá-los artisticamente? Diante de um cenário marcado por uma miríade de adversidades, escrever revelou-se para as mulheres um grande conflito pessoal e social, uma vez que a prática da escrita era considerada algo que quebrava a concepção de feminilidade e de fragilidade tomada como própria do feminino. Escrever era, portanto, uma atividade que





exigia atividade mental, conexões com o mundo da ação, aspectos estes que estavam distantes da concepção que se tinha acerca da condição feminina e dos atributos inerentes ao até então considerado sexo frágil.

Todos esses óbices à presença feminina no campo da produção literária procuravam tornar invisível “a legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso exercendo funções de significação e representação” (SCHMIDT, 1995, p. 183) e fomentaram uma política de silenciamento sobre tal produção de autoria feminina de tempos pretéritos que perdurou, em nossa literatura, até meados da década de 1970, período em que apenas três escritoras eram conhecidas do grande público e da crítica: Raquel de Queiroz (1910-2003), Cecília Meireles (1901-1964) e Clarice Lispector (1920-1977). Afora essa tríade, não se noticiava a presença de mais nenhuma mulher em nossas Letras, como se não tivéssemos uma memória literária feminina, daí o espanto de muitos quando indagados sobre que autoras do século XIX conhecem.

Apesar da instrução precária, decorrente de séculos de indigência cultural, as mulheres brasileiras burguesas da segunda metade do século XIX começaram a escrever. Para a divulgação de suas ideias, recorreram à imprensa e também à publicação de livros dos mais variados gêneros, os quais vieram

a lume e conferiram às suas autoras o mérito de terem desempenhando um papel que não lhes foi fácil – o pioneirismo no processo de constituição de uma tradição literária feminina em nosso país:

Na impossibilidade de reconhecer-se numa tradição literária, em que as limitações impostas pelas imagens literárias lhes apontavam o papel de musa ou criatura, o que as excluía automaticamente do processo de criação, as escritoras, especialmente as do século 19, tiveram que lutar contra as incertezas, ansiedades e inseguranças quanto ao seu papel de autora, quanto à sua autoridade discursiva para afirmar e representar determinadas realidades, ausentes ou falseadas no espelho que a cultura lhes apresentava (SCHMIDT, 1995, p. 187).

Mesmo tendo conseguido uma boa repercussão entre as leitoras, as escritoras de outrora não escaparam das críticas depreciativas por parte dos leitores masculinos que “desqualificava(m) a produção ou simplesmente a ignorava(m) e, na pior das hipóteses, zombava(m) ou caluniava(m) as autoras que, tendo-se conscientizado dos seus direitos, invadiram a esfera pública, até então domínio exclusivo dos homens” (CUNHA, 2007, p. 438).

Hoje, quando temos a oportunidade de (re)ler a produção dessas pioneiras, o que mais chama atenção é o fato de elas não só terem desafiado o cânone literário, escrevendo quando deveriam

estar preocupadas com as lides domésticas, como também terem ido de encontro aos ditames comportamentais, não aceitando o “destino de mulher”, que lhes reservava o confinamento à esfera privada do lar. Em razão disso, na esteira de Rago (2005), advogamos que o estudo da literatura produzida pelas escritoras do século XIX é um material importante para a reflexão não só sobre o nascimento de uma cultura feminina e, de certa forma, feminista no Brasil, mas, principalmente, sobre a família, a vida doméstica, a visão dos oprimidos, razão por que essa literatura precisa circular nas práticas sociais de leitura, especialmente, em espaços de formação de leitores como a escola e a universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Helena Parente. A coragem transgressora das escritoras oitocentistas. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). *Gênero em questão: ensaios de literatura e outros discursos*. Campina Grande: EDUEP, 2007, p. 429-447.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Poeira de arquivo: vozes da *belle-époque*. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília Acioli e SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maracó: EDUFAL, 2006, p.76-82.

RAGO, Margareth. Cultura feminina e

tradição literária no Brasil (1900 – 1932). In: SWAIN, Tânia Navarro e MUNIZ, Diva do Couto Gontijo (orgs.). *Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas*. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2005, p. 195-216.

SCHMIDT, Rita. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora Universitária/UFRGS, 1995. (Coleção Ensaios CPG – Letras; 3), p. 182-189.

PARA UM MAIOR APROFUNDAMENTO SOBRE O TEMA, EIS UMAS SUGESTÕES DE ARTIGOS:

SILVA, Marcelo Medeiros da. História literária, cânone e escrita de autoria feminina: reflexões sobre Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco. *Miscelânea* (Assis. Online), v. 11, p. 95-115, 2012.

SILVA, Marcelo Medeiros da. Poesia e resistência no Brasil: o caso das poetisas oitocentistas. *Revista Ártemis*, v. 14, p. 44-53, 2012.

SILVA, Marcelo Medeiros da. Letras e silêncios: a literatura de autoria feminina na Paraíba. *Muitas Vozes*, v. 7, p. 355-374, 2018.

SILVA, Marcelo Medeiros da. Flores do sertão: mulher e representação social em “A barragem”, de Ignez Mariz. *Revista Odisseia*, v. 3, p. 88-108, 2018.

SILVA, Marcelo Medeiros da. Palavra e desejo de mulher: notas sobre lírica e erotismo em Graça Nascimento. *Tabuleiro de Letras*, v. 13, p. 58-74, 2019.

SILVA, Marcelo Medeiros da; Vilela, Josivânia da Cruz. Vozes de outrora: a poesia de autoria feminina no Brasil do entresséculo (XIX/XX). *Ipotesi (JUIZ DE FORA. ONLINE)*, v. 23, p. 98-112, 2019.

DOUTOR EM LETRAS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, DOCENTE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, TEM SE VOLTADO, ESPECIALMENTE, PARA A REFLEXÃO ACERCA DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA DO SÉCULO XIX E PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES E AS PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. SOB O PSEUDÔNIMO DE AMIEL NASSAR RIVERA, TEM DOIS LIVROS DE LITERATURA PUBLICADOS: AO HOMEM QUE EU QUIS (2021) E POEMAS DE AMOR E ESPERAS (2022).

MARCELOMEDEIROS_SILVA@YAHOO.COM.BR

